

RÉPTEIS NA PERSPECTIVA DOS ESTUDANTES DE UMA ESCOLA DA REDE PÚBLICA DO MUNICÍPIO DE ARROIO DO MEIO, RS

Mathias Hofstätter ¹
Luiz Liberato Costa Corrêa ²
Elisete Maria de Freitas ³
Liana Johann ⁴

Nas classificações modernas, os répteis não são mais agrupados na classe Reptilia, devido ao posicionamento filogenético das aves (BORGES-MARTINS, 1997). Contudo, por tradição acadêmica, o grupo ainda é informalmente reconhecido.

O Brasil ocupa o terceiro lugar em diversidade, com 795 espécies identificadas, distribuídas entre os clados Testudine, Squamata e Crocodylia (COSTA & BÉRNILS, 2018). Estes, atuam como controladores naturais, especialmente no controle de populações de artrópodes, e podem desempenhar um papel significativo como dispersores de sementes e bioindicadores de qualidade ambiental (SANTOS *et al.*, 2012). O Rio Grande do Sul, apesar de estar localizado em uma região de clima subtropical, apresenta uma herpetofauna rica. São reconhecidas 132 espécies de répteis para o estado (HERPETOLOGIA/UFRGS, 2023), 12 deles estão incluídos na lista de espécies da fauna ameaçadas de extinção (SEMA, 2014).

Não obstante à riqueza desses grupos, a visão antropocêntrica, prevalentemente observada na sociedade, encara os animais meramente como utilidades para benefício humano, negligenciando a intrincada rede de interações entre as espécies e o indispensável papel que desempenham no ecossistema (SANTOS & BONOTO, 2012). De modo que é comum, em diferentes idades, a indagação sobre o porquê da existência de animais sem utilidade aparente (SOUZA & SOUZA, 2005).

Conforme observado por Mansolo (2012), o ser humano está gradativamente se distanciando do mundo natural. Alguns animais selvagens são agora percebidos como ameaças, sendo rotulados como "inimigos naturais", enquanto se perde a apreciação de como coexistir em harmonia com o ambiente. A sociedade moderna se aproxima cada vez mais das máquinas, se desconectando da essência natural da vida.

Assim, a perpetuação de crenças populares equivocadas e noções inadequadas de beleza leva à associação de sentimentos de repugnância, aversão e medo em relação

¹ Graduando do Curso de Ciências Biológicas - Licenciatura da Universidade do Vale do Taquari – Univates, mathias.hofstatter@universo.univates.br;

² Tutor do Curso de Ciências Biológicas EAD e licenciaturas da Universidade do Vale do Taquari – Univates, professor de ciências em rede pública; llcorea@univates.br;

³ Professora e pesquisadora da Universidade do Vale do Taquari – Univates, elicauf@univates.br;

⁴ Professora e pesquisadora da Universidade do Vale do Taquari – Univates, liana@univates.br;

aos répteis. Resultando na formação de preconceitos que obstruem uma coexistência harmoniosa com esses animais. Além disso, a falta de compreensão quanto à diversidade e às características específicas das espécies leva a uma generalização infundada acerca da periculosidade presente no grupo (LUNCHESE, 2013).

Nesse contexto, iniciativas educativas podem ser empregadas como uma ferramenta de grande importância para a conservação, promovendo maior compreensão, desmistificando e destacando a relevância ecológica desses animais (ALVES, *et al.*, 2010). Conforme Souza & Souza (2005) tal temática deve ser trabalhada pelos professores do ensino fundamental e médio.

Assim, a Educação Ambiental desempenha um papel crucial em reconectar o ser humano com o ambiente natural, evidenciando a sua responsabilidade na preservação da vida e enfatizando como as suas ações têm o potencial de gerar consequências positivas ou negativas. Podemos pensar nisso como uma intrincada teia, onde cada ação reverbera em resultados, que podem ser benéficos ou adversos (MANSOLO, 2012).

Este trabalho teve por objetivo avaliar a percepção dos alunos de uma escola pública sobre a herpetofauna, levando em consideração os conhecimentos prévios dos estudantes e confrontando-os com a realidade científica através de uma atividade de educação ambiental, a fim de conscientizá-los sobre a importância da preservação das espécies, bem como difundir o conhecimento científico.

A pesquisa foi desenvolvida no município de Arroio do Meio - RS, cidade de imigração alemã, localizada no Vale do Taquari, na região central do estado, a 126 km de Porto Alegre, com área total de 157,957 km² e mais de 20.000 habitantes (PREFEITURA MUNICIPAL DE ARROIO DO MEIO, 2023). A escola parceira, está localizada em área urbana, e possui 46 anos de história, sendo composta por aproximadamente 400 alunos da educação infantil e ensino fundamental, nos turnos da manhã e tarde.

O trabalho iniciou-se com a aplicação de perguntas sobre répteis, além da realização de um desenho. Os questionários foram aplicados sem qualquer explicação sobre o assunto abordado, pois objetivou analisar os conhecimentos prévios e os eventuais mitos e preconceitos sobre o tema. Participaram da pesquisa 111 alunos do 6º ao 9º ano do ensino fundamental. As respostas obtidas no questionário foram tabuladas e interpretadas.. Posteriormente, foi realizado o cálculo de frequência e percentual das respostas.

Utilizando como referência as respostas coletadas nos questionários, foi concebida uma atividade educativa sob a forma de aula teórico-prática, apoiada por apresentações de

slides. Essa atividade buscou destacar elementos relacionados à morfologia, hábitos alimentares, mitos e crenças, conservação, e modos de vida dos répteis. Além disso, foram incorporados materiais zoológicos, tanto de caráter seco quanto líquido, os quais foram retirados das coleções do Museu de Ciências Univates.

Conforme Pinheiro *et al.* (2020), a utilização de coleções didáticas como abordagem para o ensino em sala de aula enriquece a metodologia do professor, conferindo-lhe maior dinamismo e abrangência. Isso não apenas incita a curiosidade dos alunos, mas também desperta seu interesse pelas ciências naturais. Esse resultado é alcançado por meio da observação e manipulação direta das peças, proporcionando aos estudantes informações concretas, claras e tangíveis.

As respostas obtidas no questionário mostraram uma visão bastante distorcida a respeito da herpetofauna. Quando os estudantes foram questionados sobre o grupo ao qual pertencem alguns animais, os resultados em envolviam répteis foram satisfatórios. Para as serpentes, 84,9% dos estudantes responderam que são répteis, da mesma forma que para lagartixa 79%, tartaruga 65,4%.

Porém, quando questionados sobre um réptil muito comum porém pouco conhecido como *Amphisbaena prunicolor* (COPE, 1885), popularmente chamado de cobra-de-duas-cabeças ou cobra-cega, os estudantes ficaram bastante divididos, 29,2% dos estudantes responderam se tratar de um réptil, e o mesmo número foi obtido para anfíbios, enquanto que 32% falaram que a espécie pertencia a outro grupo.

Os estudantes também demonstraram dificuldades em classificar animais de outros grupos. Para morcego, por exemplo, 57,9% responderam “outro grupo”, 24,2% réptil e 11,2% anfíbio, demonstrando maior conhecimento. Entretanto, quando questionados sobre o grupo ao qual pertence um peixe, 47,1% falaram se tratar de um anfíbio, enquanto 39,6% falaram se tratar de outro grupo.

Quando questionados sobre a periculosidade que esses animais apresentam 76,1% dos estudantes falaram se tratar de animais perigosos. Quando confrontados do porquê, as respostas mais frequentes foram: são animais venenosos/peçonhentos (38,8%), podem morder ou atacar (20%) e não souberam explicar o porquê consideram os répteis animais perigosos (26,6%). Apenas oito estudantes (8,8%) falaram que apenas oferecem perigo quando se sentem ameaçados, podendo apresentar algum comportamento defensivo como resposta.

Quando questionados sobre a importância do grupo na natureza, 71,1% responderam que possuem importância, 10,8% que não possuem e 18% não souberam responder à

pergunta. Dos 71,1% dos estudantes que responderam que possuem importância, 40,9% não souberam citar qual, seguido de 28,9% que citaram o controle biológico como importância.

Dos estudantes que participaram da pesquisa, 82,4% relataram já terem tido algum encontro com répteis, e quando questionados como agiram na situação 56,9% relataram apenas ter observado o animal, seguido de 18,6% que o mataram. Ainda 62% relataram ter medo desses animais, entretanto 47,7% não souberam explicar o porquê. Os demais justificaram pelo fato de serem animais peçonhentos (28,3%), que podem atacar/morder (16,4%) e ainda que são feios/nojentos (13,4%).

Por fim, quando questionados se já aprenderam algo sobre esse grupo, 65,7% falaram que já aprenderam algo. Destes, 83,5% relataram que foi na escola com algum professor, 12,3% que foi com a família e 4,1% na internet ou através de séries e documentários. Os desenhos realizados pelos estudantes foram bastante variados, visto que foram representadas várias espécies de répteis, inclusive erroneamente outros grupos de animais.

É evidente que uma mentalidade antropocêntrica e preconceituosa em relação a esses seres vivos está profundamente enraizada no ambiente escolar, manifestando-se através de algumas respostas obtidas. As cobras, lagartos e jacarés são frequentemente encarados de forma extremamente negativa, gerando sensações de repulsa e temor.

As serpentes foram os répteis mais vezes citados pelos estudantes de forma negativa, com o medo sendo o principal sentimento evocado por elas. A sociedade demonstra uma aversão a esses animais (ALVES *et al.*, 2010). Isso leva à ampla aceitação de um estereótipo negativo aplicado a todas as serpentes, muitas vezes influenciadas por fatores religiosos. Entretanto, vale ressaltar que apenas cerca de 15% das espécies de serpentes brasileiras possuem relevância médica (ARAÚJO *et al.*, 2003).

Conforme Pazinato (2013), a aplicação de abordagens educacionais, resulta na aquisição de conhecimentos capazes de reformular as atitudes e comportamentos das pessoas em relação aos anfíbios e répteis. Tais intervenções têm o potencial de fomentar uma relação mais direta com esses animais, permitindo, assim, a redução dos sentimentos negativos anteriormente associados a eles.

Portanto, a Educação Ambiental desempenha um papel fundamental, não apenas nas instituições de ensino, mas em toda a comunidade. É crucial que as pessoas adquiram conhecimento e compreensão sobre as funções ecológicas, hábitos alimentares e morfologia dos répteis, a fim de apreciar sua relevância no ecossistema e os benefícios que proporcionam à humanidade.

Através disso, a apreensão e informações incorretas em relação aos répteis são reduzidas após a implementação da Educação Ambiental, demonstrando uma modificação positiva na percepção dos alunos.

Palavras-chave: Biodiversidade, Ecologia, Educação Ambiental; Herpetologia.

REFERÊNCIAS

- ALVES, R.R.N.; PEREIRA, G. A. F.; VIEIRA, K. S.; SANTANA, G. G.; VIEIRA, W. L. S.; ALMEIDA, W. O. 2010. Répteis e as populações humanas no Brasil: uma abordagem etnoherpetológica. In: ALVES, R.R.N.; SOUTO, W.M.S.; MOURÃO, J. S. (Org). A Etnozoologia no Brazil – Importância, Status atual e Perspectivas. Recife: NUPEEA. 123-147.
- ARAÚJO, F.A.A, SANTALUCIA, M.; CABRAL, R. F. Epidemiologia dos acidentes por animais peçonhentos. In: Cardoso JLC, França OSF, Wen FH, Málaque CMS, Haddad Jr V (orgs). Animais peçonhentos no Brasil: biologia, clínica e terapêutica dos acidentes. São Paulo: Sarvier, p. 6-12, 2003.
- BORGES-MARTINS, M. Répteis. In: WORTTMANN, Maria Lucia et al. (Org.). O Estudo dos Vertebrados na Escola Fundamental. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 1997. 132p.
- COSTA, H. C.; BERNILS, R. S. Répteis Brasileiros: Lista de espécies 2018. Herpetologia Brasileira, v. 7, n.1, p. 75-92, 2018. DIAS, G. F. Educação Ambiental: Princípios e Práticas. 9º Ed. São Paulo: Gaia, 2004. 541p.
- LUNCHESE, M. S. A herpetologia no ensino fundamental: o que os alunos pensam e aprendem. Porto Alegre, 2013. MELLO, M. A. Aprendizagem Sem Dificuldades: A Persp
- MANSOLO, A. Educação Ambiental na perspectiva da ecologia integral: como educar neste mundo em desequilíbrio? Belo Horizonte: Autêntica, 2012.
- SANTOS, J. R. dos; BONOTO, D. M. B. Educação ambiental e animais não humanos: linguagens e valores atribuídos por professores do ensino fundamental. In: VI Encontro de Pesquisa em Educação Ambiental. Anais do VI EPEA. Ribeirão Preto: 2012.
- SOUZA, C. E. P. de; SOUZA, J. G. de. (Re)Conhecendo os animais peçonhentos: Diferentes abordagens para a compreensão da dimensão histórica, sócio-ambiental e cultural das ciências da natureza. In: V Encontro Nacional de Pesquisa em educação em ciências. Atas do V ENPEC. Bauru: ABRAPEC, 2005.
- PAZINATO, D. M. M. Estudo etnoherpetológico: conhecimentos populares sobre anfíbios e reptéis no município de Caçapava do Sul, Rio Grande do Sul. 2013.
- PREFEITURA MUNICIPAL DE ARROIO DO MEIO. O município - Dados do Município, 2023. Disponível em: <<https://arroiodomeio.rs.gov.br/pagina/id/3/?dados-do-municipio.html>>. Acesso em: 17 agosto de 2023.
- RIO GRANDE DO SUL. Decreto nº 51.797, de 8 de setembro de 2014. Declara as Espécies da Fauna Silvestre Ameaçadas de Extinção no Estado do Rio Grande do Sul. Diário Oficial.